

Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

RESENHA:
FORTUNA, CASO, TEMPO E SORTE

Isabel Ponce de Leão



CRITICAL REVIEW

Isabel Rio Novo. *Fortuna, Caso, Tempo e sorte. Biografia de Luís de Camões*. Porto: Contraponto, 2024

Isabel Ponce de Leão¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>
Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

RESUMO: Isabel Rio Novo biografa Camões no quingentenário do seu nascimento.

PALAVRAS-CHAVE: Quingentenário. Camões. Biografia.

ABSTRACT: Isabel Rio Novo biographs Camões on the 50th anniversary of his birth.

KEYWORDS: Quingentenary. Camões. Biography.

Fortuna, Caso Tempo e Sorte, biografia de Camões de Isabel Rio Novo, clarifica, antes de mais, que trabalho, ética, reflexão e humildade (in)enformamo, vulgarmente, denominado ato de coragem. Explico porquê.

Camões é um dos escritores portugueses mais estudados, produzindo-se uma investigação que se converte, as mais das vezes, em esmeradas publicações sem que, por tal, haja consensos sobretudo atinentes à sua vida, ainda que também à obra. Evoco querelas entre célebres camonianos (e. g. José Hermano Saraiva / Aníbal Pinto de Castro) justificáveis quando se pensa numa época com uma imprensa ainda insipiente, conturbada pelos alvares do Renascimento, e numa vida cheia

¹ Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa. Porto, Portugal. E-mail: ivaz@ufp.edu.pt. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1965-0092>. Ciência Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/E314-D183-oB42>

de incertezas e de contornos pouco definidos. Isabel Rio Novo, de forma intrépida, apoiada em 5 anos de investigação documental, testemunhal e itinerante, munida de honestidade e rigor intelectual (cf. Nota Prévia da obra), arrisca embrenhar-se no mundo de um “génio abstracto” (Jorge de Sena) de enraizamento glocal, “que reduz sempre as emoções a conceitos” (Jorge de Sena) dentro de uma vivência intelectual.

Usando de grande rigor metodológico, a biógrafa faz com que o leitor respire o mesmo ar do biografado, desde logo pela expressividade do título, que colhe de um soneto de Camões onde, no último verso, se lê: “Mas o melhor de tudo he crer em Christo”; assim alerta para o facto de que, mesmo a verdade histórica, se possa confundir com a verdade romanceada e salvaguarda o muito que sempre fica por dizer. Nenhuma anomalia, posto que nunca se diga tudo sobre uma vida humana, e o virtuosismo de um trabalho desta envergadura esteja também na abertura de novas pistas e renovados horizontes.

A obra estrutura-se em 39 capítulos, todos epigrafados com palavras de Camões ou sua adaptação, a que se segue um riquíssimo aparato paratextual, de que destaco a exaustiva bibliografia (39 pp) e as notas finais (86 pp), que suporta e credibiliza toda a informação provida. Esta opção organizacional, a que se junta a limpidez e clareza linguística, a coerência textual e a capacidade sinestésica (e. g. cap. 17 – “O outro mundo”), tornam a obra acessível a um vasto público, que vai desde o leigo, que lhe acede como a um romance, entusiasmando-se com as peripécias da vida de alguém “c’ um saber só de experiências feito”, até ao estudioso e investigador de Camões que nele encontra um vasto suporte de acesso a fontes críveis.

Lazer e aprendizagem cruzam-se na leitura das experiências de vida do vate quinhentista, na dedução da sua enciclopédia cultural, na vida social que vai dos nobres salões às tascas e bordeis mais heterodoxos, na sua experiência de viajante – 17 anos percorrendo vários pontos do Oriente como soldado, preso, vagabundo, mutilado, convicto e amargurado amante... – no cruzamento de fontes antigas e atuais com informações dispersas, na descoberta de documentos desaparecidos que se lhe referem ou aos seus contemporâneos e coetâneos e, muito particularmente, na relevância dada ao contexto político, económico, histórico e social de uma época fidedignamente investigada e dissecada. De facto, fascina o pormenor do pano de fundo epocal que, fornecendo experiências, que podem ou não ter sido vivenciadas por Camões, são, com rigor, as do tempo em que ele viveu (e. g. cap. 6 – “Barca de vidro sem leme”).

Isabel Rio Novo, conhecedora da metodologia investigativa no domínio da história, dos seres e da sociedade em que se inserem, descobre – sem que com isso caia num redutor biografismo – que qualquer texto reclama o seu contexto e, num tom cauto mas convicto, apoiada na análise documental, retira Camões da dimensão mítico-simbólica e humaniza-o, trazendo-o à atualidade porque “o poeta não omitia, antes ampliava, os desacertos do presente; mas apontando o foco para o heroísmo do passado, iluminava o futuro” (IRN: 499-500). Fá-lo, sem nunca desprezar pormenores jocosos (e. g. cap. 23 – “Banquete de trovas”); génese e percurso de vida (e. g. de cap. 1 – “A casa da ave que chamam camão” até cap. 38 – “A morte, qua da vida o nó desata”); desacatos (e. g. cap. 13 – “Cara sem olhos”); relações amorosas mais ou menos tumultuosas (e. g. cap. 8 – “Filodemo e duriano” ou cap. 9 – “Os laços que amor arma brandamente”); exotismo do tom local (e. g. cap. 18 – “A desejada e longa terra”); angústia do irreconhecimento (e. g. cap. 20 – “A espada e a pena”); erros seus (e. g. cap. 21 – “Disparates da Índia”); valentia e estoicismo (e. g. cap. 19 – “As águas frias do Estige”); grandeza épica (e. g. cap. 32 – “Os versos deleitosos”); eternização da palavra “inveja”, trazida até ao século XXI (e. g. cap. 7 – “Inveja a toda a gente”), ou outros onde a infelicidade e a desilusão também imperam (e. g. cap. 36 – “Esperanças e presságios”).

Grande vate da liberdade *avant la lettre*, Camões surge, pela mão da biógrafa, como um ser capaz de viver a sua época, passando pelas vicissitudes inerentes mas não as recusando, libertando-se do miserabilismo a que durante largo tempo o sujeitaram – um ser humano, portanto, demonstrativo de que lenda e realidade se tangem e suportam mas nunca se misturam, mesmo que as coincidências indiciantes o reivindiquem – Camões nasce no ano da morte de Vasco da Gama, seu herói eletivo.

Acima de tudo, o que *Fortuna, caso tempo e sorte* revela é que “uma história contem muitas outras, e que elas não nos pertencem, mas se confundem com o curso do nosso tempo, que se apoderam de nós e nos enleiam para todo o sempre” (Abdulrazak Gurnah); mostra ainda que Camões foi o grande escritor e o grande patriota que serviu Portugal, que zelou pelos direitos humanos e das mulheres que tanto amou (e. g. cap. 35 – “O nome, o braço e a musa”), assim o libertando dos epítetos de mulherengo e escravagista (e. g. cap. 37 – “Anos, mudanças e danos”) com que uns certos praticantes da *Religião Woke* (Jean-François Braunstein) o tentaram obsequiar. Ultrapassando o aproveitamento do Estado Novo e a tentativa de marginalização pós-revolucionária, a sua obra impõe-se, num estado democrático, com / na história do povo que é o seu, e de que aqui é dada boa conta.

Em *Fortuna, caso, tempo e sorte*, Isabel Rio Novo, destemidamente, ciente que qualquer publicação está, naturalmente, sujeita à crítica, bem vinda desde que construtiva, humaniza e resgata Camões do turbilhão lendário, ainda que não o omita, e, de forma consistente e fundamentada, usando de um estilo cristalino e sinestésico, sempre atinente ao contexto epocal, insere-o na dimensão global e glocal a que, por mérito próprio, ele pertence e, por metonímia, Portugal e a língua portuguesa que “Com pouca corrupção crê que é latina” – *Vénus dixit*.

Submetido: 29/08/2024

Aceito: 14/09/2024

